

■ Procura-se um corpo desesperadamente

Nizia Villaça

Com a alusão paródica ao filme *Procura-se Susan desesperadamente*, queremos remeter à mutante Madonna, seu personagem principal. O sucesso da atriz, como o de Michael Jackson e outros mitos da mídia internacional e nacional, milionários da *performance*, é emblemático da importância do corpo e suas imagens, enquanto campo de experimentação, auto-modelagem, busca de expressão e mesmo perfeição.

Depois de período em que a própria sociologia não privilegiou a análise corporal preferindo, por exemplo, enfoques econômicos, hoje é nodal o papel atribuído ao corpo nos mais diversos campos do saber, e a biologia torna-se a ciência decisiva para o século XXI. Assistimos à multiplicação e à mutação do corpo em paradoxais metáforas identitárias que, ora levam a moda, enquanto prótese corporal, aos limites da desconstrução de uma imagem, ora atuam sobre o próprio corpo por meio de toda sorte de artifícios, ora produzem virtualizações por meio da tecno-ciência. O corpo, que à época das narrativas legitimadoras ocupava o pólo negativo da dicotomia classificatória, agora se libera e se inventa em discussões, em produções que reconfiguram os estatutos de real e irreal, privado e público, natureza e cultura. A discussão dá ensejo a pensar os limites do corpo e suas possibilidades de significar, enquanto essencialmente imperfeito.

Nesta linha de pensamento, tentamos estabelecer uma ponte entre a fragilidade do homem condenado a cobrir-se devido ao frio, do corpo desprotegido e óbvio em sua nudez e o acréscimo de sentidos representado pelo movimento da moda enquanto estratégia. Além da lógica do valor de uso da indumentária, a roupa não se reduz a uma função de proteção, pudor ou adereço. Ato de diferenciação, vestir-se constitui um ato de significar. Existe sempre, no interior de cada grupo, uma vestimenta mínima histórica e culturalmente determinada sem a qual a existência social, e mesmo bioló-

gica do indivíduo, se aniquilaria. A moda, na esteira da máscara teatral, enquanto representação simbólica, vai assumir numerosas dinâmicas nas configurações intersubjetivas desde as mais óbvias, que trabalham no sentido de estabelecer distinções asseguradas por códigos rígidos, até as mais sutis, que buscam a diferença na dissolução dos modelos armados sobre pares dicotômicos, referendando sexos, classes, etnias etc.

Quando fatores de organização das identidades sociais como nação, etnia e classe perdem crescentemente seu poder aglutinador, o corpo, suas expressões, envelopes e próteses propiciam análises mais singulares fora da ótica macro dos grandes sistemas classificatórios e uma nova ordem se processa.

Na era industrial, o corpo era manipulado enquanto instrumento da produção, lugar de disciplina e controle. Na sociedade pós-industrial, caracterizada pela difusão do saber e da informação, por uma tecnologia que ultrapassa ciência e máquina, para tornar-se social e organizacional, repensa-se este controle. O corpo dominado é apenas o do trabalhador ou esse novo espectro global de fluxos, redes e imagens, é destinado a controlar sobretudo o cidadão consumidor através da produção incessante de serviços e desejos. O que se percebe é que uma leitura do corpo como construto narcísico-hedonista, disciplinado pelas regras da estilização geral da sociedade pós-industrial, pode incidir numa versão redutora do papel do corpo hoje. Por outro lado, movimentos de retorno a uma ordem ecológica “natural” parecem ingênuos. Como bem assinala Manuel Castells¹, numa perspectiva histórica mais ampla, a sociedade atual atinge um estado em que a cultura não é impotente frente às forças da natureza como num primeiro momento, nem a domina numa lógica racional como se pretendeu em seguida. No estágio atual a cultura se refere à própria cultura a ponto de necessitar recriar a natureza artificialmente como forma cultural. Assim também, as medicinas alternativas e a desconstrução do corpo enquanto produto cultural se inscrevem na órbita utópica de busca de uma perfeição que desconsidera nossa real inserção no mundo. Uma outra vertente, desta vez de viés apocalíptico, é o movimento do *body modification*, bem como algumas manifestações artísticas e sociais de resistência ao consumo generalizado que, sublinhando a imperfeição, a decadência, pretendem lembrar a “condição

humana” precívvel. A esta vertente voltaremos adiante com alguns exemplos. A idéia é tentar discutir os totalitarismos destes discursos, bem como as possibilidades que propiciam o caminho do novo, das singularizações e de novas formas de solidariedade social.

Perspectivas filosóficas

A paradoxal dinâmica bio-psicológica que é o homem foi ciclicamente esquecida em prol de uma visão esquizofrênica que privilegiou a mente, o sujeito como *res cogitans* em detrimento de sua encarnação. Daí a passagem de um processo de “expressão” a um processo de “representação” enquanto verdade conceitual, ponte que o sujeito lança sobre o objeto. Tal redução teve sua fonte ainda nos gregos, e atingiu seu ápice na época das Luzes, quando a sensibilidade corpo/imagem/sentido mais que nunca ficará subordinada ao conhecimento.

A antropologia platônica lançou as bases do dualismo entre o corpo e a alma. Depois de se interessar pela vida política numa Grécia agitada por guerras, por ocasião da condenação de Sócrates, Platão dedica-se mais à metafísica. No *Sedon*, descreve a morte como o momento em que a alma torna-se ela mesma, distinguindo e separando o corpo, ligado ao mundo sensível, e a alma, partícipe do inteligível. No *Geórgias* sua postura é mais nuançada, e afirma que se o corpo é o túmulo da alma, a esta cabe a responsabilidade de ter caído na matéria do desejo, que nela mesma não é má.

Diferentemente de Platão, Aristóteles concebe a reunião da experiência sensível e da razão, colocando-se em oposição ao dualismo em questão.

Os teóricos da Igreja efetuaram, como Platão, uma leitura reduitiva ou, quando muito, ambígua. São Paulo oscilou entre a tradição hebraica, que não desvalorizava o corpo em relação à parte espiritual do homem, e uma postura neo-platônica, onde o corpo era desvalorizado.

No movimento pendular de consideração e desconsideração do corpo, Epicuro e Lucrecio, por exemplo, aparecem como pensadores que propõem o retorno ao materialismo pré-socrático. O mundo não testemunha nenhuma ordem cujo vestígio devemos encontrar. Segundo Lucrecio, para o

atomismo exposto por Demócrito no tempo de Sócrates, o que existe se explica pelo jogo das forças materiais, pelo movimento fortuito dos átomos, que no ser do vazio se encontram graças a uma trajetória ligeiramente oblíqua (o *clinamen*).

A mesma desconfiança do pensamento metafísico há em Nietzsche e outros filósofos que o antecederam ou sucederam. O idealismo e o materialismo, na verdade, se alternaram ou conviveram em sucessivos períodos, havendo, porém, uma predominância das visões que desvalorizavam o dado corporal.

Apesar da ligação entre o homem e seu corpo se dar de maneira imediata e espontânea, esta coincidência “ingênua” se revela problemática. O corpo se constitui na encruzilhada do real com o imaginário pelas múltiplas ficções e fantasmas que cristaliza. Lacan dá farto depoimento a respeito com a descrição do estágio do espelho: é a relação problemática com sua própria imagem que leva o homem a retocar seu corpo de múltiplas maneiras, a auto-plasmar-se².

Imagens do corpo e sociedade de consumo

O processo de valorização do corpo através dos tempos acompanha, de certa forma, a valorização da imagem de uma época (iconodulia) para outra (iconoclastia). Gilbert Durand³ fala de uma iconoclastia endêmica que acometeu o ocidente em sua busca da verdade, de um absoluto sem rosto, diferentemente de outras civilizações do mundo marcadas pelas imagens e pelo politeísmo de valores (egípcios, chineses, América pré-colombiana, África negra, Polinésia). O Ocidente, na busca de um sentido único, procurou anular a ameaça representada pela estética da imagem, pela valorização do corpo. Evidentemente houve sempre movimentos de resistência figurados, como a encarnação crística ou a iconodulia gótica, quando as catedrais e sua figuração de vitrais, estátuas e iluminuras suplantaram pouco a pouco a austeridade dos mosteiros isolados da cidade. A sensualidade e a espiritualidade barrocas também buscaram na multiplicação em abismo das aparências atingir pelos sentidos a profundidade da iluminação. Santa Tereza d'Ávila, de Bernini, é um exemplo da figuração

corporal levada a seus limites. Sor Juana Ines de la Cruz e Dom Quixote têm percursos semelhantes.

Lembramos ainda o Pré-romantismo e o Romantismo, que privilegiaram os sentidos em pleno século das Luzes triunfantes. Esta estética nomeia o sexto sentido, além dos cinco que, classicamente, constituíam a percepção. O sexto sentido, enquanto faculdade de atingir o belo, seria uma terceira via de conhecimento ao lado da razão e da percepção usuais, privilegiando a intuição pela imagem e não a demonstração pela sintaxe. Nesta mesma linha de resistência ao racionalismo estaria o movimento simbolista, com a vidência do sentido e seu coroamento: o surrealismo.

O que se assiste hoje, segundo Gilbert Durand, é um cruzamento paradoxal de duas linguagens: a racionalista, com seu viés tecnológico, e a explosão das imagens, que ele vê como um efeito perverso da ciência.

A velocidade da circulação das imagens, no contemporâneo, provoca discussões sobre a crise da representação, a perda dos relatos, projetos e fundamentos, e se valoriza novamente o corpo e seu modo de apresentar-se na busca de uma identidade social num momento de comunicação global. O projeto moderno, depois de tudo querer abarcar e compatibilizar, desagouou em excessos e déficits no cumprimento de suas promessas. Num primeiro período (capitalismo liberal), este desejo de extrema compatibilização, esta utopia fracassou no desejo de harmonizar o Estado, o Mercado e a Comunidade. Na época do capitalismo organizado ou monopolista de Estado (final do século XIX e primeiros decênios do XX), uma estratégia de concentração/exclusão efetua um máximo de diferenciação funcional nos diversos campos do saber social, econômico e político, deixando de lado o não compatível com o projeto de modernização. A arte se autonomiza, o saber e a ética deixam de se comunicar. O Estado se separa dos cidadãos e a sociedade se organiza em política de classes.

Segundo Terry Eagleton⁴, foi neste contexto que se configurou o movimento de estetização geral que caracteriza a pós-modernidade, e que vem sendo interpretado das mais diversas formas. Para o autor, trata-se de uma apropriação, uma estratégia do campo econômico, que lança seus tentáculos via técnico-ciência sobre os campos tornados autônomos do saber, da ética e da arte. O saber torna-se, então, retórica, a arte perde sua aura e

estatuto, e a ética torna-se, sobretudo, participação de campanhas promocionais.

Este processo de desfiguração dos diversos campos é criticado por Eagleton, na aposta de um tempo em que esta cosmetologia será desmascarada. A estetização geral representaria para ele um processo de alienação, véu lançado sobre o jogo do poder para manter a distinção das classes através das aparências. Collor e não Lula, por exemplo. O sentido corporal seria cativo das classificações e representações epidérmicas.

Esta mesma estética de superfície, esta convivialidade na aparência, para Michel Maffesoli⁵, constitui uma solda social, o paradigma contemporâneo, organizando a globalidade do dado natural e social através da vivência de emoções comuns. A forma, a aparência constituiriam uma verdadeira estrutura antropológica enquanto prazer do belo, sentir junto, proximidade dos corpos. Antes de ser sublimado, ou rebaixado, o corpo, a beleza eram valorizados enquanto elementos da criação, epifania da forma. É a coesão propiciada por esta espécie de materialismo espiritual que o autor diz que vai ser retomada na pós-modernidade como o cimento de coesão das novas tribos que vão se substituindo ou se somando às classes já constituídas. Segundo as palavras do autor, trata-se de um formismo, de uma miríade de imagens que atravessam o corpo social, uma dinâmica estática: o sentido em questão não é finalizado, desenvolvido ou dramatizado. Ele se cria no presente, ele tem um lado trágico, ele se esgota no aparecer. A imagem serve de pólo de agregação às diversas tribos que formigam nas megalópoles contemporâneas.

Se para Maffesoli as formas e imagens participam da formação de um corpo social tribal, Lipovetsky⁶ vê a aparência, o império do efêmero e da moda enquanto estética, elemento de reforço do processo de personalização numa linha de pensamento neoliberal onde a técnica e o consumo acelerado propiciam uma subjetividade verdadeiramente transcultural. É o indivíduo que vai se apropriando de todas as *performances* a partir do hedonismo incentivado pelo sistema de produção do capitalismo tardio. Mais informação, mais poder, mais saber, mais prazer.

É neste labirinto onde ecos de numerosas vozes se cruzam em profecias e vaticínios que procuramos pensar a questão do corpo e da moda.

Em que medida a moda, dentro desta estetização geral, participa de um esquema de poder e dominação, e em que medida pode propiciar movimentos de diferenciação, verdadeiros pontos de fuga, renovação e invenção de um pensamento não enclausurado na consciência, na mente, no conhecimento.

Balzac, em torno de 1830, podia fazer a distinção entre o estilo *dandy* do paletó do aristocrata, o redingote curto do comerciante judeu e a jaqueta usada do miserável. A linguagem da moda hoje atingiu o ponto máximo de indiferenciação graças aos processos de reprodução representados pelo desenvolvimento da indústria têxtil no final do século XIX e das novas tecnologias da imagem, sobretudo depois dos anos 60. O paradoxo é que se percebe, simultaneamente, a produção de pequenas diferenças por grupos, tribos e indivíduos em busca de personalização. A distinção ocorre pelo trabalho de dissolução das categorias que, durante a modernidade, permitiram esquema de classificação segundo raça, classe, sexo etc. Emblemático desta tendência é o quase mítico sucesso de personalidades como Madonna, Michael Jackson, o fenômeno *drag queen* com seus jogos de mascaradas, *performance* e Carnaval.

Os discursos da moda se aceleram na cidade pós-moderna com seu ritmo frenético. A multiplicidade de cenários e modelos oferece sempre mais elementos para construção-interpretação de um eterno jogo. A articulação corpo/sentido/imperfeição adquire contornos radicais que parecem ultrapassar questões de ordem econômica ou cultural. A anti-moda, o “fora de moda”, o “tudo na moda”, o “nada na moda”, com suas inspirações ecumênicas, determinam o fim da ditadura da moda. A moda e suas estratégias cosmetológicas e vestimentárias, estilizantes do corpo, atinge limites extremos na intensificação das sensações. É exemplar a apropriação do erotismo perverso com sugestões de violência sadomasoquista presente na obra de vários estilistas. Como se o recurso da moda não bastasse mais como estratégia de afetar e ser afetado, o corpo entra diretamente em cena seja numa busca de perfeição (*body building* e cirurgia estética), seja na exibição e criação da imperfeição via escarificações, formação de quelóides e deformidades através de cirurgias como pratica a artista Orlan frente às câmeras de televisão⁷. Professora da Escola de Belas Artes de Dijon, na França, desde 1990, ela vem se submetendo a inúmeras cirurgias onde se

oferece como lugar de debate público sobre o *status* do corpo para a sociedade contemporânea.

O hábito da alteração do corpo, comum a várias culturas, atinge, portanto, seu ápice, desestabilizando categorias tradicionais como homem/mulher, tornando o homem um ser mutante, um corpo virtual, e interferindo, até mesmo, na sua estrutura química, como lembra Lucien Sfez⁸ referindo-se à nova utopia de recriar o Adão anterior à queda.

A releitura dos possíveis sentidos deste significante mais fluido, mutante e paradoxalmente mais presente (convém não esquecer seus desdobramentos virtuais) exige uma maior complexidade, uma transdisciplinaridade. É preciso evitar a postura unívoca de se colocar a favor ou contra a sociedade de consumo e suas simulações. Não se trata de ver apenas o corpo disciplinado, que permanece na obediência cega às regras do *look*, no sacrifício ascético em prol da manutenção da juventude, e da bela forma. Arthur W. Frank, fazendo uma revisão analítica da questão, na esteira de Giddens, sublinha a interdependência entre o corpo individual e o corpo social. “O corpo é constituído na interseção de um triângulo quadrilátero cujos ângulos são os discursos, as instituições e a corporalidade”¹⁰.

Frank propõe quatro categorias a partir das quais o corpo em ação poderia ser pensado: controle (evitar a contingência), desejo, relação consigo mesmo, relação com o outro. A partir deste fatores constrói tipos que, obviamente, não são exclusivos, mas oferecem algumas pistas para a avaliação da multiplicidade de dados que se cruzam no imaginário da construção dos corpos na contemporaneidade.

O corpo, com suas estratégias, não é apenas veículo de aparência enganosa, mas lugar de fascínio, sedução, criação de alianças, via pactos estéticos que trabalham o prazer, a criatividade, o humor, numa “busca desesperada” de si e do outro.

Notas

¹ Castells, Manuel, "Les flux, les reseaux et les identités: où sont les sujets dans la société informationnelle?", in *Penser le sujet; autour d'Alain Touraine*, Paris: Fayard, 1995.

² Thevoz, Michel, *Le corps peint*, Genève: Skiro, 1984.

³ Durand, Gilbert, *L'imaginaire, essai sur les sciences et la philosophie de l'image*, Paris: Hatier, 1994.

⁴ Eagleton Terry, *A ideologia da estética*, Rio: Zahar, 1993

⁵ Maffesoli, Michel, *La contemplation du monde*, Paris: Grasset, 1993.

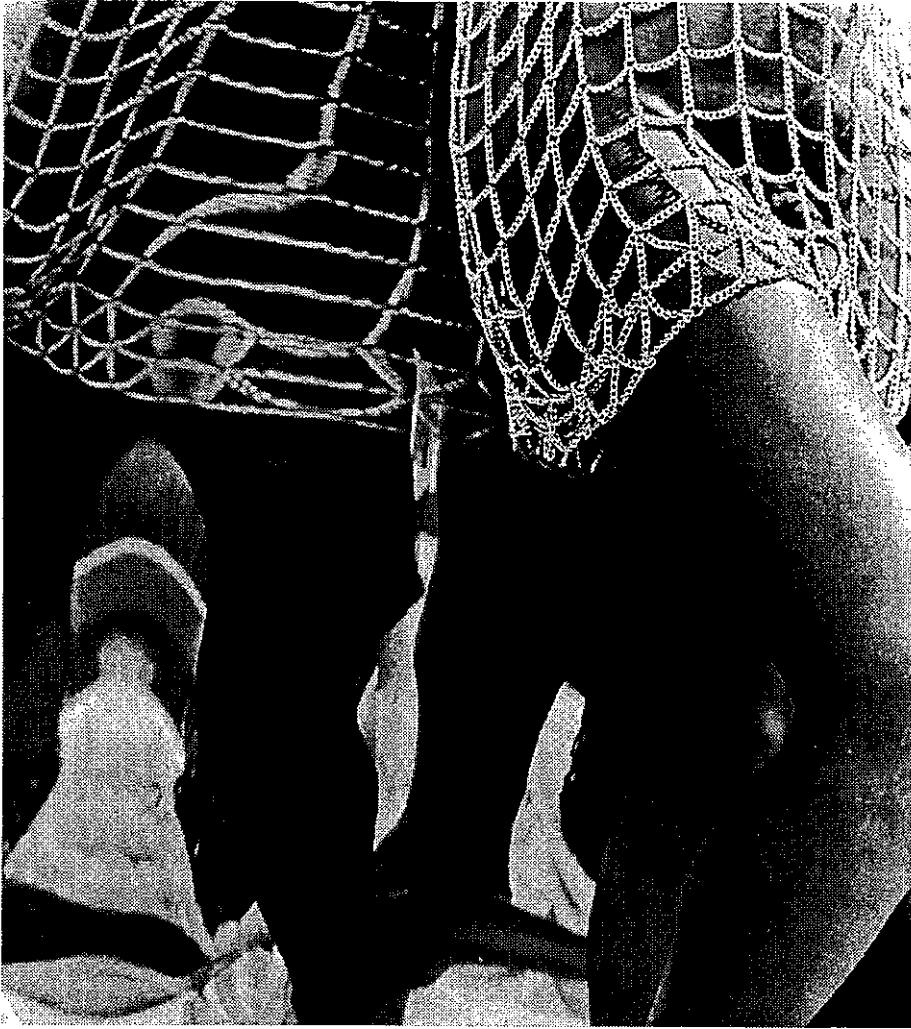
⁶ Lipovetsky, Gilles, *O império do efêmero; a moda e seu destino nas sociedades modernas*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

⁷ *Folha de São Paulo*, 09/09/95.

⁸ Sfez, Lucien, *La santé parfaite*, Paris: Seuil, 1995.

⁹ Featherstone, Mike, "The body in Consumer Culture", in *Theory, Culture & Society*, London: Sage, 1982, pp. 18-33.

¹⁰ Frank, Arthur W., "For a sociology of the body: an analytical review", in *Theory, Culture & Society*, London: Sage, 1990, p. 49.



“No infinito de nossos amores, está o Hermafrodita original. O mundo do amor vai dos signos reveladores da mentira aos signos ocultos de Sodoma e Gomorra”.

PROUST E OS SIGNOS, *Gilles Deleuze*